

# EDUCAÇÃO HISTÓRICA: PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL

**COORD.** ISABEL BARCA  
LUÍS ALBERTO MARQUES ALVES



**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional  
(XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)

### COORDENAÇÃO

Isabel Barca

Luís Alberto Marques Alves

### EDIÇÃO: CITCEM

Centro de Investigação Transdisciplinar  
«Cultura, Espaço e Memória»

### DESIGN:

by Scala | Graphic Performance

(de acordo com as normas CITCEM)

### ISBN

978-989-8351-60-9

Porto, 2016

—  
*Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.*



# EDUCAÇÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL

HELENA PINTO<sup>6</sup>

## RESUMO

Apresenta-se uma síntese de um trabalho de investigação de doutoramento, com alunos e professores de escolas do norte de Portugal, com base numa abordagem essencialmente qualitativa, na perspetiva da Educação Histórica, sob o enfoque da Educação Patrimonial.

A análise de dados das respostas dos alunos e dos professores seguiu um processo de categorização progressivamente refinado no sentido de encontrar modelos de progressão conceptual relativos a alunos e perfis de professores sobre o uso de fontes patrimoniais e tipos de consciência histórica.

***Palavras-Chave:** Educação Histórica; Educação Patrimonial; Evidência; Consciência Histórica.*

## EDUCAÇÃO HISTÓRICA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: QUE RELAÇÃO?

A realização do projeto e tese de doutoramento (PINTO, 2011) surgiu com o objetivo de aprofundar o estudo de uma temática de forte interesse cultural e científico, dando continuidade a uma linha investigativa já iniciada em dissertação de Mestrado (PINTO, 2003), incidindo agora especialmente na vertente educacional, e relativamente à qual ainda há escassa produção de estudos sistemáticos ao nível da Educação, em Portugal.

---

<sup>6</sup> Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” - CITCEM (Referência FCT: UID/HIS/04059/2013).

A relevância do objeto deste estudo incide em duas dimensões principais:

— ao nível da Educação Histórica, com vista à problematização sistemática dos ‘usos’ da História e do Património, elaborando propostas de desenvolvimento do pensamento histórico dos jovens e de abordagens metodológicas dos educadores – tendo em atenção os documentos programáticos de História nos ensinos básico e secundário em Portugal – uma vez que a necessidade quotidiana de tomar e fundamentar decisões leva os indivíduos a criarem formas de orientação pessoal no tempo, em abordagens menos ou mais elaboradas historicamente;

— ao nível da Educação Patrimonial, procurando desenvolver nos jovens, através de um contacto direto e constante com fontes patrimoniais, nomeadamente no âmbito local, sentidos de responsabilidade em relação ao património histórico, de reflexão crítica e construtiva face às memórias das comunidades com vista à compreensão do presente, sendo indispensável envolver as escolas, e os professores de História em particular, no processo histórico que tem marcado as identidades dessas comunidades.

Esta proposta de pesquisa integrou a linha de investigação que tem vindo a ser desenvolvida em torno da consciência histórica dos jovens em vários países, inspirada na reflexão filosófica de autores como Peter Lee e Jörn Rüsen, dentro do campo de preocupações da Educação Histórica e das propostas desenvolvidas no âmbito do Projeto “Consciência Histórica: Teoria e Práticas”, coordenado por Isabel Barca.

O principal enfoque deste estudo era a articulação entre a evidência e a consciência históricas no que respeita a concepções de alunos e de professores, com especial atenção para o uso de fontes patrimoniais no ensino e aprendizagem de História, dada a sua relação com o processo de construção de significado acerca do passado. Isto implicou não só um enquadramento teórico ancorado na Epistemologia da História, sobre a conceptualização de património e de consciência histórica, e na investigação já existente em Educação Histórica – nomeadamente sobre evidência e outros conceitos de “segunda ordem” em torno da consciência histórica, como os de mudança, de empatia e de significância – assim como em práticas consistentes de Educação Patrimonial, particularmente as relacionadas com a exploração educativa de objetos museológicos. Requereu também uma fundamentação metodológica que permitiu o desenvolvimento sistemático da pesquisa.

Na sua fundamentação teórica, esta abordagem tem íntima relação com o ensino de História, embora isso não signifique uma restrição ao espaço da chamada ‘educação formal’. Os currículos de História têm procurado propor práticas diversas entre as quais se podem destacar as atividades educativas em espaços extraescolares. E a investigação destas práticas pode facilitar a identificação das concepções de alunos e de professores acerca da História e do Património, permitindo, em consequência, a criação de propostas consistentes de exploração educativa de fontes patrimoniais.

Este estudo procurou dar um contributo para o desenvolvimento da pesquisa sobre consciência histórica e patrimonial de alunos e professores de História em Portugal, cooperando, simultaneamente, na consolidação de uma rede de investigação em Educação Histórica, e em particular:

- Analisar a relação entre o Património e a Educação Histórica, e os seus reflexos na compreensão/valorização desse património, entendido como suporte de identidade;
- Refletir sobre as circunstâncias e contextos em que se introduziu, na Escola, a ideia do potencial educativo dos bens patrimoniais;
- Elaborar e aplicar instrumentos de forma adequada aos recursos e aos participantes;
- Aprofundar, numa abordagem sistemática, essencialmente qualitativa, a compreensão dos sentidos atribuídos por alunos e professores a fontes patrimoniais, em articulação com conceitos ligados à consciência histórica, nomeadamente os de identidade e de património;
- Traçar perfis conceptuais de alunos e professores de História num contexto de interpretação de fontes patrimoniais em termos de evidência histórica, apresentando uma proposta relacionada com a Educação Histórica e Patrimonial;
- Disponibilizar materiais de Educação Histórica e Patrimonial dirigidos a professores e outros educadores.

Em Portugal, os programas escolares da disciplina de História – nomeadamente no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário – fazem referência à utilização e interpretação de fontes, mas continuam a predominar em sala de aula as fontes escritas e, por vezes, as iconográficas, seja nos manuais escolares ou em apresentações multi-média. São mais escassas as referências à utilização de fontes patrimoniais recorrendo à sua observação direta e em contexto. Para que isso se faça de forma consistente, é necessário promover uma educação patrimonial a um nível fundamentado: proporcionar recursos e atividades desafiadoras, usar fontes patrimoniais de forma a contribuir para o desenvolvimento da compreensão dos conceitos históricos pelos alunos e a interpretação dos contributos culturais, sociais e económicos de diversos grupos nas suas comunidades (PINTO, 2011: 126).

Há já alguma investigação e reflexão sistemática, assim como produção de literatura sobre o pensamento dos alunos acerca de evidência histórica (ASHBY; LEE; SHEMILT, 2005; CHAPMAN, 2006) e, até, em termos de consciência histórica (RÜSEN, 2004; BARCA, 2008), embora seja ainda incipiente quanto a estudos sobre concepções de professores acerca de abordagens da evidência histórica, incluindo o uso de fontes patrimoniais em situações de ensino e aprendizagem de História. Vários estudos têm concluído a possibilidade de desenvolvimento da noção de temporalidade histórica nos alunos por meio da ação mediadora dos objetos da cultura material – dotados de significado histórico – e do professor através da realização de atividades de exploração

de fontes do património cultural de uma comunidade (BARTON, 2001; NAKOU, 2003; COOPER, 2004; CAINELLI, 2006, SCHMIDT & GARCIA, 2007). Este estudo (PINTO, 2011) pretendeu dar um contributo para essa reflexão.

Constituindo o meio familiar, a comunidade local e os meios de comunicação, fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens que a escola não deve ignorar nem menosprezar, o professor deverá partir da deteção de ideias prévias, que se manifestam ao nível do senso comum e de forma muitas vezes fragmentada e desorganizada, podendo depois contribuir para a sua modificação e maior elaboração. Nesta perspetiva, a utilização, como evidência histórica, de fontes patrimoniais ligadas à história local pode também possibilitar a utilização de metodologias para uma aprendizagem significativa.

Se é verdade que os extensos programas da disciplina de História não disponibilizam muito tempo para o detalhe, para a perspetiva local, para a discussão e a argumentação refletida, também é possível, através da seleção de assuntos que poderão ser tratados no âmbito da História local, introduzir de forma interessante e adequada ao currículo a abordagem da educação patrimonial no âmbito da disciplina de História, recorrendo, por exemplo, a um museu local especializado ou mais generalista, ou a sítios históricos próximos da escola.

Ao nível da educação formal, e reconhecida pela Lei de Bases do Sistema Educativo, no artigo 3º, alínea a (PIRES, 1987), constata-se a associação do património cultural às ideias de identidades (sobretudo nacional, mas não exclusivista) e de consciência histórica e patrimonial. Está implícita a possibilidade de uma pluralidade de enfoques da temática do património cultural ao nível das áreas curriculares dos diversos graus de ensino.

Ao nível de educação não formal, também as mudanças que se têm verificado nas últimas décadas nos museus traduzem as transformações que se verificaram na própria natureza da educação, quer no que respeita ao significado do termo, quer no que se espera das instituições. A aprendizagem é vista como uma participação ativa do aprendiz, conceção que elevou a experiência, distinta da informação, a um nível superior no intento de educar (HEIN, 1998). A compreensão da aprendizagem como uma série de processos complexos e ao longo da vida, dá ênfase à experiência dos aprendentes, ao que aprendem e como aprendem (HOOPER-GREENHILL, 2007; NAKOU, 2003), considerando-se que a atribuição/construção de significado permite a apropriação do conhecimento.

Dado que, no contexto atual, não parece viável a integração da educação patrimonial como corpo disciplinar autónomo no currículo escolar, considera-se pertinente conhecer como se pode fazer a sua abordagem em atividades no âmbito da disciplina de História, nomeadamente no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário. A educação patrimonial pode e deve integrar-se no processo educativo formal, enquadrada nas metas estabelecidas para a educação sistematizada, nomeadamente pela definição de critérios e estratégias tendentes ao tratamento do património no currículo de História.

## MÉTODO DO ESTUDO

No cruzamento das diversas vertentes deste quadro conceptual acima apresentado, definiu-se o problema inicial deste estudo: *De que forma alunos e professores de História interpretam a evidência de um sítio histórico?*

O estudo, que assumiu uma abordagem metodológica essencialmente qualitativa, fundada na *Grounded Theory* (Strauss e Corbin, (1998), procurou aprofundar, numa perspetiva transversal em termos de anos de escolaridade, a compreensão dos sentidos atribuídos por alunos e professores de História a fontes patrimoniais. Apresentando uma proposta relacionada com a Educação Histórica e Patrimonial, o estudo desenvolveu-se em três fases: exploratória, piloto (em quatro etapas) e principal. No estudo principal, participaram 87 alunos (40 de 7º ano e 47 de 10º ano a frequentar a disciplina de História A ou História da Cultura e das Artes) de 5 escolas da cidade de Guimarães, no norte de Portugal, e ainda 6 professores das 7 turmas participantes. Os instrumentos consistiram num ‘guião-questionário’ para os alunos – propondo um conjunto de tarefas escritas a realizar em vários pontos de paragem de um percurso (Figuras 1 a 4), em situação de observação direta e de interpretação de um conjunto de fontes patrimoniais (objetos, edifícios, locais históricos) relacionadas com a Idade Média, mas tendo em conta a sua historicidade – e dois breves questionários para os professores (um prévio à atividade e outro posterior). Realizaram-se, ainda, entrevistas de seguimento a 33 alunos no sentido da clarificação de algumas respostas escritas.



FIGURAS 1 A 4 - GRUPOS DE ALUNOS REALIZANDO A ATIVIDADE EM VÁRIOS PONTOS DE UM PERCURSO PELO CENTRO HISTÓRICO DE GUIMARÃES, PORTUGAL. (FONTE: AUTORA)

A análise de dados das respostas dos alunos e dos professores seguiu um processo de categorização progressivamente refinado no sentido de encontrar modelos de progressão conceptual relativos a alunos e perfis de professores sobre o uso de fontes patrimoniais e tipos de consciência histórica. O modelo conceptual de alunos emergiu em torno de dois construtos: “Uso da evidência”, organizado em quatro níveis conceptuais (ideia alternativa, inferência sobre detalhes concretos, inferência a partir do contexto, problematização), e “Consciência histórica”, organizado em cinco níveis (consciência a-histórica; consciência de um passado fixo; consciência de um passado simbólico; consciência histórica emergente; consciência histórica explícita). Quanto às concepções de professores, também emergiu um modelo conceptual em torno de dois construtos: “Uso de fontes patrimoniais” (com os padrões conceptuais: uso tácito, do contexto para a fonte, cruzamento de fontes em contexto, das fontes para o contexto) e “Finalidades de ensino e divulgação do património”, por sua vez organizado em três dimensões (Aprendizagem, Consciência Histórica e Consciência Patrimonial), cada uma delas envolvendo também padrões conceptuais específicos. Numa breve análise quantitativa, que complementou a anterior, no que respeita aos alunos, constatou-se a predominância dos níveis de “inferência a partir de detalhes concretos”, quanto ao uso da evidência, e de “consciência de um passado fixo”, em termos de consciência histórica. Relativamente aos professores constatou-se, quanto ao uso de fontes patrimoniais, uma predominância do padrão conceptual “cruzamento de fontes em contexto”; em termos de finalidades de ensino e divulgação do património, na dimensão Aprendizagem predominaram os padrões “consolidação do conhecimento” e “construção do conhecimento”, na dimensão Consciência Histórica destacou-se o padrão “conhecimento em contexto” e na dimensão Consciência Patrimonial, o padrão “sentido de identidade local”.

## ALGUMAS CONCLUSÕES

O contacto direto com artefactos e edifícios do passado é uma oportunidade para aprofundar conhecimentos sobre pessoas, lugares e acontecimentos, mas deve permitir algo mais do que isto. Os alunos devem construir a sua interpretação sobre essas fontes históricas, relacionando-as com a sua aprendizagem no momento e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, mas também é desejável que eles formulem questões investigativas e hipóteses explicativas acerca do passado de um objeto, edifício ou sítio. Para tal, o trabalho com objetos na sala de aula, tal como nos museus ou outros locais, não se pode confinar a uma sessão, deve ser um processo contínuo (PINTO, 2011).

A exploração educativa do património, de forma sistemática e fundamentada como a que se intentou neste estudo, poderá permitir o desenvolvimento de múltiplas competências pelas crianças e jovens, nomeadamente no âmbito da compreensão histórica, estimulando a capacidade de “ler” objetos, edifícios e sítios históricos, em termos de educação formal e, mesmo, não formal. Este estudo pretende chamar a atenção para as implicações dessas atividades, sobretudo a importância de os alunos efetuarem inferências com maior complexidade. Para tal, é essencial que os professores tomem consciência da importância do uso da evidência de acordo com critérios metodológicos da História, em articulação com os currículos de História nomeadamente em termos de história local, com tarefas que desafiem as conceções prévias dos alunos e estimulem a interpretação histórica. Isto poderá também suscitar a compreensão dos laços entre a interpretação do património e a consciência das relações entre o passado, o presente e o futuro.

Ao considerarem a evidência na interpretação de elementos reveladores de determinados contextos históricos, os alunos compreendem que, ao longo do tempo, as funções dos objetos e dos edifícios ou a organização urbana, podem mudar, e reconhecem a sua relação com o presente.

O modelo conceptual de progressão, por níveis de elaboração, ao permitir conhecer os modos como os alunos exprimem a sua compreensão do passado inferindo a partir de fontes patrimoniais e como tomam consciência da sua orientação temporal (menos ou mais fundamentada historicamente), pode contribuir para uma maior reflexão sobre as formas como os professores podem implementar abordagens melhor sustentadas do processo de ensino e aprendizagem. Assim, se a interpretação dos dados permitiu formular e testar uma “teoria”, pois desenvolveram-se, de forma sistemática, modelos de progressão conceptual, considera-se que a inspiração neste e noutros estudos como este será de todo o interesse para as práticas de Educação Histórica e Patrimonial.

Os professores podem realizar uma diversidade de práticas para promover não só a compreensão do contexto histórico pelos alunos, mas também a interpretação de fontes diversificadas, encorajando-os a questionar de forma crítica as fontes e a colocar questões cada vez mais complexas. Desta forma, os alunos poderão dar sentido ao património como evidência histórica, e não apenas como simples ilustração ou informação linear. A aprendizagem pode revelar-se mais sofisticada quando os alunos inferem a partir das fontes – sejam escritas, pictográficas ou patrimoniais – e colocam questões em vez de responder apenas às que lhes são colocadas. Assim será possível ultrapassar uma visão impressionista de experiência meramente lúdica de saída do espaço escolar e reconhecer o seu papel no desenvolvimento da compreensão da evidência pelos alunos, envolvendo-os na construção do seu conhecimento histórico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHBY, R.; LEE, P.; SHEMILT, D. (2005) – *Putting principles into practice: teaching and planning*. In DONOVAN, M. S. & BRANSFORD, J. D., eds. – *How students learn: History in the classroom*. Washington DC: The National Academies Press, pp. 79-178.
- BARCA, I. (2008) – *Estudos de Consciência Histórica em Portugal: perspectivas de jovens portugueses acerca da História*. In BARCA, I., org. – *Estudos de Consciência Histórica na Europa, América, Ásia e África. Actas das Sétimas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: CIED, Universidade do Minho, pp.47-53.
- BARTON, K. (2001) – *Ideias das crianças acerca da mudança através dos tempos: resultados de investigação nos Estados Unidos e na Irlanda do Norte*. In BARCA, I., org. – *Perspectivas em Educação Histórica. Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: CEEP, U. Minho, pp. 55-68.
- CAINELLI, M. (2006) – *Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental*. “Educar em revista”, número especial, pp. 57-72.
- CHAPMAN, A. (2006) – *Asses, archers and assumptions: strategies for improving thinking skills in history in years 9 to 13*. “Teaching History”, 123, pp. 6-13.
- COOPER, H. (2004) – *O pensamento histórico das crianças*. In BARCA, I., org. – *Para uma Educação Histórica de qualidade. Actas das Quartas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: CIED, Universidade do Minho, pp. 55-74.
- HEIN, G. (1998) – *Learning in the Museum*. New York: Routledge.
- HOOPER-GREENHILL, E. (2007) – *Museums and education: purpose, pedagogy, performance*. London: Routledge.
- NAKOU, I. (2003) – *Exploração do pensamento histórico das crianças em ambiente de museu*. In BARCA, I., org. – *Educação Histórica e Museus. Actas das II Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: CIED, U. Minho, pp. 59-82.
- PINTO, H. (2003) – *Guimarães, Centro Histórico: Património e Educação*. Dissertação de Mestrado em Património e Turismo, Universidade do Minho, Braga.
- PINTO, H. (2011) – *Educação Histórica e Patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho. Consultado em julho 10, 2012, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19745>
- PIRES, E. (1987) – *Lei de Bases do Sistema Educativo: apresentação e comentários*. Porto: Edições Asa.
- RÜSEN, J. (2004) – *Historical Consciousness: narrative structure, moral function, and ontogenetic development*. In SEIXAS, P., ed. – *Theorizing Historical Consciousness*. Toronto: University of Toronto Press, pp. 63-85.
- SCHMIDT, M. A. & GARCIA, T. B. (2007) – *O trabalho com objetos e as possibilidades de superação do sequestro da cognição histórica: estudo de caso com crianças nas séries iniciais*. In SCHMIDT, M. A. & GARCIA, T. B., org. – *Perspectivas de Investigação em Educação Histórica*. Curitiba: UFPR, Vol. I, pp. 52-57.
- STRAUSS, A. & CORBIN (1998) – *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing Grounded Theory*. Thousand Oaks: Sage.